

A reconceptualização da metáfora em **Ensaio sobre a lucidez** de José Saramago

Olívia Maria Figueiredo*

Resumo

A reconceptualização da metáfora em **Ensaio sobre a lucidez** é uma reflexão sobre o modo como a metáfora se operacionaliza no discurso. De como as expressões idiomáticas (expressões compósitas) são transformadas de novo em expressões metafóricas (expressões componenciais). A incidência da análise focaliza-se na apreciação de como a expressão idiomática volta a ganhar a sua energia criadora e o primeiro impulso que a põs em circulação. Tendo por fundamento as teorias da anáfora (ampliada) e da reconceptualização, mostra-se que o sentido comunicado não é mais do que o questionamento da relação do homem com o mundo por meio de cenários metafóricos que só a língua permite instaurar.

Palavras-chave: Metáfora; Expressão idiomática; Correferência; Anáfora (ampliada); Reconceptualização.

Senhor comissário, eu não passo de um inspector da polícia, que talvez não chegue nunca a comissário, mas aprendi da experiência deste ofício que as meias palavras existem para dizer o que as inteiras não podem, (SARAMAGO, 2004, p. 27).

Ensaio sobre a lucidez é um romance polifônico onde, a cada momento, as vozes dos personagens e do narrador se entrecruzam numa estrutura crescente de vibração ecóica. Romance de tese sobre a fragilidade dos regimes democráticos para resolver situações imponderáveis, como a da grande percentagem dos votos em branco, esta obra, em termos lingüísticos, discursivos e estilísticos, espelha de forma original a relação entre tópico das conversas dos vários atores em presença, com destaque para as reflexões de tipo argumentativo e irônico, e as zonas discursivas, lugares de pensamentos representados e de crenças.

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal.

Se é verdade prever que um contexto referencial, aqui a odisséia de um dia de eleições com um resultado surpreendente do voto branco, influi na construção do modelo mental do enunciado, também é razoável considerar que o contexto lingüístico imediato apreende uma só parte do contexto.

O contexto cognitivo, situacional, ideológico necessitam, então, de um processamento adicional, no geral de tipo inferencial, de forma a o leitor apreender a outra parte da representação conceptual do enunciado.

A novidade deste romance, em termos cognitivos e discursivos, é o papel de excelência dado às redes metafóricas que atravessam todo o texto. As metáforas apresentam-se como os amplificadores cognitivos que incrementam a progressão romanesca e cuja originalidade assenta na reavaliação da identidade dos referentes por meio da ênfase na metáfora conceptual e na imagem metafórica como instrumento para conformar a consciência individual. A utilização da metáfora significa que o processamento metafórico não depende da ativação de associações pré-existentes entre os termos do enunciado, mas que tais associações se recriam em virtude da integração de cada nova informação. Isto quer dizer que há sempre uma tensão metafórica entre o tópico e o veículo (por exemplo na metáfora “a mulher é uma rosa”, “mulher” é o tópico e “rosa” é o veículo), dada a sua existência se sustentar na incompatibilidade semântica. Mas se a propriedade de incompatibilidade provoca tensão entre o tópico e o veículo, a propriedade de cancelamento pacifica o jogo entre ambos, facilitando a inteligibilidade da metáfora de acordo com o campo de referência inerente à comunidade semântica. De facto, as regras do jogo semântico indicam que só algumas propriedades do veículo são aplicáveis ao tópico, enquanto outras características resultam irrelevantes para a compreensão da metáfora. No exemplo dado, no veículo “rosa” interessam algumas propriedades como “a beleza, o cheiro, a cor” e não outras como “os espinhos, as folhas”. A hipótese do cancelamento sustenta que a metáfora é consequência da aplicação parcial de alguns atributos semânticos do veículo ao tópico, enquanto outros atributos são cancelados (COHEN, 1979). Saramago, em **Ensaio sobre a lucidez**, acantona-se nestes dois postulados para daí tirar dividendos: cancela nas metáforas solidificadas alguns atributos já socialmente partilhados ao mesmo tempo que ativa e seleciona outros com diferentes graus de proeminência, de acordo com o contexto.

Como pensa D. E. Rumelhart (1979), outorga-se à informação contextual um papel decisivo, mas também aos pensamentos representados e crenças de cada um. Sendo que, para G. Achard-Bayle (2001), os universos de crença, ao inscreverem-se na teoria dos mundos possíveis, são uma interpretação subjetiva que resulta da assimilação e categorização da experiência na constituição dos conceitos abstratos. Outros autores, como G. Lakoff e M. Johnson (1980, 1999), já

tenham assumido mostrar como boa parte da nossa experiência quotidiana do mundo e das nossas relações sociais estão estruturadas metaforicamente.

Sem pretender teorizar sobre a metáfora, apenas aqui se destaca a idéia de U. Eco (1984, p. 88) quando diz que a linguagem é por natureza e originariamente metafórica e que é este potencial metafórico que define o homem como animal simbólico. Esta simbologia nos há-de levar a pensar que a linguagem não se limita a refletir a realidade, mas possibilita a cada um a apreensão de uma variedade de formas de representação recriada e recreada do mundo.

Tendo por pano de fundo o ambiente romanesco de **Ensaio sobre a lucidez**, vejamos como é que é tecido o fio condutor da narrativa quando sabemos que este romance não se sustenta nas tensões em jogo das coordenadas clássicas das categorias da narrativa (ação, tempo e espaço). Sendo um romance de tese de um postulado de idéias que se manifestam nos elos enunciativos que se encadeiam uns nos outros, resta ao leitor-interpretante captar as intenções que estão por detrás de cada enunciação, seja ela expressa em atos diretos, ou indiretamente irônicos. A teoria da intencionalidade de J. Searle (1983), de que o comportamento lingüístico humano é intrinsecamente “intencionalista” e de que nos estados mentais se distinguem um conteúdo proposicional e uma força ilocutória, vem justificar que o significado lingüístico é determinado pelo sistema da língua e que o significado comunicativo é determinado pelo contexto em que se utiliza esse sistema.

Estes princípios pragmáticos orientam o leitor no jogo da descoberta de um sistema de implicações que o mais das vezes não se baseia no conteúdo semântico da categoria léxica correspondente, mas num sistema de tópicos ligados ao referido, numa atitude de compreender o que é que as personagens e o narrador querem dizer, o que dizem, se dizem mais ou dizem diferente do que as suas palavras expressam. Isto vale tanto para as expressões metafóricas em geral como para as expressões metafóricas convencionais (idiomáticas), expressões irônicas, atos de fala indiretos.

Confinar-se-á a análise do corpus, neste romance, a algumas expressões idiomáticas, sendo entendidas estas como primitivos semânticos que não se regem pelo princípio da composicionalidade semântica, mas que resultaram de metáforas que, semelhantemente a elas, poderão ter uma interpretação literal ou metafórica se enquadrada nos contextos adequados.

A este processo de “retorno às origens” de uma expressão idiomática em expressão metafórica (após ter sofrido um processo de lexicalização e de assimilação ao sistema da língua, reganhando a sua energia criadora e o impulso primeiro que a pôs em circulação), chama Kittay (1987) “reconceptualização”. Para, em contexto, se determinarem os critérios de identidade referencial transconceptu-

al, critérios que permitem afirmar que o referente se mantém inalterável, recorre Kittay às teorias da referência anafórica para concluir que a expressão metafórica está em correferência com a expressão antecedente ou que a expressão metafórica se relaciona, não com o que está expresso linguisticamente, mas com aquilo que o enunciador pensa ou crê. O conjunto de crenças pertinentes para a interpretação de um referente poderá, assim, considerar-se como um texto ampliado que determinaria o âmbito pragmático referencial no qual se inscreve a expressão enunciada. Deste modo, a referência metafórica sempre é referência anafórica, quer a sua resolução se faça num espaço intralingüístico ou se faça por indução a partir de inferências acerca dos saberes compartilhados e das crenças do enunciador. O que é necessário é que haja o domínio do conjunto de tópicos partilhados pela comunidade leitora sobre o particular.

Os excertos seguintes, retirados da obra em análise, exemplificam esse modo criativo de, a partir de uma unidade fixa, lexicalizada, reconvertê-la em expressão metafórica conceptual ou simplesmente em imagem metafórica. Este processo de reconceptualização implica que a expressão deixa de ter uma estrutura compósita e um significado socialmente fixado para passar a requerer o conhecimento do significado dos seus elementos componentes, de acordo com o contexto de uso.

Em termos cognitivos, e baseando-nos na teoria de relevância de Sperber y Wilson (1986), que considera a metáfora como um caso extremo de uso interpretativo, poder-se-á ver neste processo transformacional, como a partir de uma metáfora solidificada (expressão idiomática) – “dar com o nariz na porta” – se incrementa por inferência a reconceptualização da expressão em uma nova metáfora atualizada pelo contexto.

Ainda meia hora não tinha passado quando o presidente, inquieto, sugeriu a um dos vogais que fosse espreitar a ver se vinha alguém, se calhar apareceram eleitores, mas “deram com o nariz na porta que o vento havia fechado”, e logo se foram dali a protestar. (SARAMAGO, 2004, p. 14)

A expressão “dar com o nariz na porta”, como expressão convencionalizada que é, tem um sinónimo no sistema da língua que se pode parafrasear como “não encontrar alguém ou alguma coisa no lugar onde era suposto estar”. O pronome relativo “que”, pronome anafórico por natureza, ao retomar como antecedente não toda a expressão idiomática mas somente o segmento “porta” para o fazer figurar como objeto direto da oração relativa, desestrutura o compósito da expressão idiomática que assim deixa de o ser, transformando-a novamente numa expressão de raiz metafórica. Com este procedimento, está aberto, de forma mais ampla, o enfoque cognitivo e pragmático da comunicação humana.

É este o meu plano, disse, submeto-o ao vosso exame e à vossa discussão, mas escusado seria dizê-lo, conto que seja aprovado por todos, “os grandes males podem grandes remédios”, e se é verdade que “o remédio” que vos proponho é doloroso, “o mal” que nos ataca é simplesmente mortal. (SARAMAGO, 2004, p. 78)

A expressão “os grandes males pedem grandes remédios” sendo uma variante da expressão idiomática “para grandes males, grandes remédios” não deixa de ser também uma expressão idiomática devido à conexão direta e regular e ao grau de convencionalização compósita. Também aqui se verifica a metaforização dos conceitos “remédio” e “mal” por meio da atribuição das estruturas semânticas “o remédio que vos proponho é doloroso”, “o mal que nos ataca é simplesmente mortal”. Para captar estes atributos metafóricos a partir de expressões estereotípicas, o leitor terá de reconhecer a intencionalidade comunicativa que está por detrás destas novas metáforas, sendo que o intencionalmente comunicado comporta a combinação de três elementos sem os quais não se gera eficazmente comunicação: um significado lingüístico, um contexto e um princípio, o da pertinência, que permitam selecionar o contexto oportuno e obter o sentido comunicado.

Mudar de lugar as palavras representa, muitas vezes, mudar-lhes o sentido, mas elas, as palavras ponderadas uma por uma, continuam, fisicamente, se assim posso exprimir-me, a ser exactamente o que haviam sido, e portanto, Nesse caso, permita-me que o interrompa, senhor primeiro-ministro, quero que fique claro que a responsabilidade das mudanças de lugar e de sentido das minhas palavras é unicamente sua, eu não “meti para aí prego nem estopa”. Digamos que “pôs a estopa” e eu “contribuí com o prego”, e que “a estopa e o prego” juntos me autorizam a afirmar que o voto em branco é uma manifestação de cegueira tão destrutiva como a outra. (SARAMAGO, 2004, p. 176)

“Não meter prego nem estopa” tem por sinónimo, no sistema da língua “não ter responsabilidade no fato”. Também neste caso, se subverteu o grau de convencionalidade do conceito histórico e cultural da expressão em apreço. Recupera-se da expressão idiomática os termos “estopa” e “prego” e, ao mesmo tempo que se suspende a sua função referencial, contrasta-se o seu significado metafórico. A conexão entre os dois termos deixou de ser direta entre ambos a passa agora a exigir a mediação de uma representação semântica mental (BUSTOS, 2000) entre aquilo que se diz e aquilo que se tem a intenção de dizer. Prova-se assim que o enunciado nunca está definitivamente codificado e que só uma parte do que se comunica depende do significado lingüístico dos enunciados. O restante depende da capacidade inferencial graças aos pensamentos representados e aos conhecimentos compartilhados do mundo.

Também nesta obra se recorre a outros processos de desestruturação de expressões fixas. Agora já não só da reconceptualização da expressão idiomática

em metáfora, mas de retoma de partes de outras expressões fixas como os aforismos ou os provérbios.

Eu cumpro ordens, mas ele é o chefe, não pode estar a dar-nos sinais de desorientação, depois as consequências sofremo-las nós, quando “a onda bate no rochedo, quem paga sempre é o mexilhão”, Tenho muitas dúvidas sobre a propriedade dessa frase, Porquê, Porque “os mexilhões” parecem-me contentíssimos quando a água escorre por eles abaixo, Não sei, nunca ouvi rir “os mexilhões”, Pois não só riem, como dão gargalhadas, o barulho das ondas é que não deixa percebê-las, tem que se lhes chegar bem o ouvido. (SARAMAGO, 2004, p. 245-246)

Neste aforismo, de origem popular e que tem por sentido “a parte mais fraca é a que fica sempre mais prejudicada” não se pode falar de reconceptualização porque não se trata de decompor, metaforizando, uma unidade lingüística composta. Trata-se, antes, de retomar os termos de uma unidade que, embora fixa, se rege pelo princípio da composicionalidade semântica. O resultado, no entanto, não deixa de ser perlocutivamente metafórico, dado o convite ao leitor para fazer ver uma realidade (os grandes precisam dos mais pequenos – os mexilhões) em termos de outra para sobreviver (os pequenos – os mexilhões – são sempre os prejudicados). O destaque e a ênfase em determinados segmentos lingüísticos do provérbio proporcionam um determinado significado de processamento, não só em função da obtenção das explicaturas e implicaturas do enunciado onde se inserem estas formas, mas também em termos de determinação da relação do processo descrito aqui como os outros processos descritos no discurso romanesco em geral.

[...] veremos se neste caso se confirma o antigo ditado “Quem fez a panela fez o testo para ela”, “De panelas” se trata então, senhor comissário, perguntou em tom irónico a mulher do médico, “De testos”, minha senhora, “de testos”, respondeu o comissário ao mesmo tempo que se retirava, aliviado por a adversária lhe ter fornecido a resposta para uma saída mais ou menos airosa. Tinha uma leve dor de cabeça. (SARAMAGO, 2004, p. 238)

Também aqui, o recurso ao provérbio serve para, a partir de um significado literal aberto, universal e enunciado com um valor de verdade, canalizar um uso específico metafórico que as retomas “panelas” e “testos” deixam adivinhar. Embora surja como imagem metafórica isolada a um contexto muito específico (o da mulher que durante a epidemia geral de cegueira branca de há quatro anos, não ter cegado, enquanto toda a gente cegou), a projeção metafórica não deixa de se alimentar de crenças dentro de um sistema culturalmente partilhado. Só assim o leitor conseguirá reconstruir a intencionalidade comunicativa através do enunciado lingüístico para aceder ao extralingüístico, isto é, ao conhecimento das realidades relacionadas entre si. Estes enunciados ecóicos onde se inserem os

provérbios, os aforismos apresentam-se nesta obra como representações de estados mentais atribuídos a um enunciador coletivo mas que se reproduzem literalmente para depois daí enfatizar pertinente e metaforicamente casos específicos que o contexto atualiza.

Estes processos de reconceptualização e retoma metafórica que atravessam todo o texto saramaguiano não se podem conceber fora de uma teoria da referência e fora de uma teoria da anáfora (BRANDOM, 1984).

Os exemplos seguintes mostram como a interpretação da metáfora é anafórica e a sua forma de referir é vicária: “Além da humidade que tornava mais espessa a atmosfera, já de si pesada por ser interior a sala [...], empregando a comparação vernácula, cortava-se à faca” (SARAMAGO, 2004, p. 11)

O segmento “cortava-se à faca”, embora seja uma expressão idiomática conectada com o sentido literal de “susceptível de causar melindres”, de “ferir sensibilidades várias”, aqui assume foros de metaforicidade uma vez que a sua anaforização com o segmento “cortava-se à faca” se substitui ao antecedente “tornava espessa a atmosfera”. Depois da retoma, “a espessura” torna-se ambígua e tanto se pode enquadrar numa atmosfera psicológica ou física ou em ambas. Os dois segmentos lingüísticos “tornava mais espessa a atmosfera” e “cortava-se à faca” quando considerados isoladamente, integrados no sistema da língua ou contextualizados no discurso, têm um determinado significado. Quando relacionados entre si por um processo de ligação antecedente-conseqüente o esquema semântico enriquece-se contextualmente por meio de implicaturas que, como se sabe, o que conta não são as condições de verdade, mas o que intencionalmente é comunicado.

O código genético disso a que, sem pensar muito, nos temos contentado em chamar “natureza humana”, não se esgota na hélice orgânica do ácido desoxirribonucleico, ou adn, tem muito mais que se lhe diga e muito mais para nos contar, mas essa, por dizê-lo de maneira figurada, é “a espiral complementar” que ainda não conseguimos “fazer sair do jardim-de-infância”, apesar da multidão de psicólogos e analistas das mais diversas escolas e calibres que têm “partido as unhas” a tentar “abrir-lhes os ferrolhos”. (SARAMAGO, 2004, p. 31)

Das expressões metafóricas “a espiral complementar”, “fazer sair do jardim-de-infância” e “psicólogos e analistas [...] têm partido as unhas a tentar abrir-lhes os ferrolhos” só se retiram os seus efeitos interpretativos se assumirmos que tais expressões se referem metaforicamente ao que se refere literalmente “a natureza humana” em virtude dessa relação anafórica que os une. Convém notar, e estas citações são exemplo de que essa relação anafórica se faz com um antecedente expresso e que esse antecedente é um referente literal. No primeiro caso “espessa atmosfera” e no segundo “a natureza humana”. Em ambos os casos, a metáfo-

ra anafórica recobra a sua interpretação diretamente do termo literal antecedente. Mas também o termo antecedente pode ser a expressão metafórica e o termo conseqüente, como se pode apreciar nos exemplos a seguir, surgir a expressão codificada, literal, em anaforização com ela.

Pois é como lhe digo, este volante ensina muito. Depois de semelhante revelação o comissário achou mais prudente “deixar cair a conversa”. Só quando o motorista parou o carro e disse, Cá estamos, “se animou a perguntar” se aquilo do espelho retrovisor e da alma se aplicava a todos os carros e a todos os condutores. (SARAMAGO, 2004. p. 299)

Peço-lhe desculpa de o ter feito esperar tanto, mas “tinha um assunto entre mãos” e não podia “deixá-lo a meio”. (SARAMAGO, 2004, p. 301)

Lamento, meu caro, que as circunstâncias o tenham “metido neste beco sem saída. Alguma saída terá”, mas é certo que neste momento não a vejo. (SARAMAGO, 2004, p. 198)

Aqui nestes enunciados as expressões anafóricas, neste caso numa relação de associação, “se animou a perguntar”, “deixá-lo a meio” e “Alguma saída terá” ligam-se às expressões idiomáticas “deixar cair a conversa”, “tinha um assunto entre mãos” e “metido neste beco sem saída” respectivamente. Este processo coesivo por meio da anáfora que retoma em parte e em associação o antecedente, parece não validar a linha de raciocínio para que aponta o processo inverso – o antecedente é a expressão literal e a anáfora é a expressão metafórica. Esta evidência parece comprovar que, se o antecedente é literal, mesmo que seja uma expressão idiomática, e o conseqüente que o retoma é também literal, eles mantêm-se recursivamente literais, sem marcas de metaforização. Isto terá a ver com a maximização da conduta comunicativa em termos de equilíbrio entre custo e rendimento cognitivos. A metáfora, em termos cognitivos, é de mais complexo processamento que a anáfora de acordo com o princípio da relevância (SPERBER; WILSON, 1986). O contrário, como se viu nos exemplos dados, se o antecedente é literal, o conseqüente pode ter marcas metafóricas porque o antecedente tem essa capacidade de contextualizar os mundos possíveis espoletados pela anáfora.

Quando a referência se produz num espaço referencial explícito, tenha ela a forma de antecedente ou anáfora, a interpretação pode ser literal ou anafórico-metafórica, dependendo, neste caso, das premissas implicadas. Em qualquer caso a interpretação tem de ser induzida do conjunto relevante das crenças do enunciador. Estas crenças determinam o âmbito pragmático referencial no qual se inscreve a anáfora. Kittay (1987) chama a esta relação da referência metafórica, anáfora ampliada. Ampliada, no sentido de não depender só das explicações mas também das implicações.

O enunciado seguinte é ainda exemplo disso:

Curiosamente sentia-se leve, desanuviado, como se lhe tivessem extraído de um órgão vital “o corpo estranho” que pouco a pouco o vinha carcomendo, “a espinha na garganta, o prego no estômago, o veneno no fígado”. Amanhã todas as “cartas do baralho estarão em cima da mesa, o jogo do esconde-esconde” terminará porquanto não tem a menor dúvida de que o ministro, no caso de a notícia chegar a sair à luz, e, mesmo não saindo, lhe seja comunicada, saberá contra quem apontar imediatamente o dedo acusador. (SARAMAGO, 2004, p. 308)

O mundo hipotético introduzido com a expressão “como se” coloca as metáforas “corpo estranho”, “espinha na garganta”, “o prego no estômago”, “o veneno no fígado” ao nível não da verdade ou falsidade da proposição, mas ao nível das intenções e desejos daquele que as produziu. Desta forma, o leitor tem de inferir, por um lado, as premissas implicadas que tais metáforas geram e, por outro, considerar contextualmente a informação expressa para que possa reconstituir um processo interpretativo para uma conclusão implicada. Sendo que essa conclusão passa pela avaliação de um antes pressuposto (“agora sentia-se leve”) de um agora inferido (“como se...”) e de um amanhã expresso (“amanhã... o jogo do esconde... esconde terminará”).

A conjugação entre a pressuposição, a implicatura e a explicatura aliada ao conhecimento do contexto prévio da enunciação ajudam a orientar a interpretação correta e a estabelecer o princípio da relevância, princípio este que regula a comunicação em termos de custo e de rendimento cognitivos de uma interpretação.

Se o princípio da relevância regula a comunicação, isto significa que as expressões metafóricas podem denotar, referir e conotar, de acordo com os usos que delas se pretende fazer. Questionar a relação do homem com o mundo, em vez de questionar a estrutura do mundo, é o que se outorga à anáfora ampliada em geral e à anáfora metaforizada em particular. Usos específicos das modalidades como a argumentação e a ironia cabem neste apartado.

De fato, nesta obra, o uso da metáfora ao serviço da argumentação põe de manifesto, de forma particularmente relevante, as conexões ou desconexões existentes numa linha de pensamento.

Os votantes do meu partido são pessoas que não se amedrontam por tão pouco, não é gente para ficar em casa “por causa de quatro míseros pingos de água” que caem das nuvens. Na verdade não eram “quatro pingos míseros, eram baldes, eram cântaros, eram nilos, iguazús e iangtsés”, mas a fé, abençoada seja ela para todo o sempre, além de “arredar montanhas” do caminho daqueles que do seu poder se beneficiam, é capaz de “atrever-se às águas mais torrenciais e sair delas enxuta”. (SARAMAGO, 2004, p. 12)

Neste excerto é patente a tensão entre dois pólos. De um lado, a justificação de que não são “quatro míseros pingos de água” que levam a que as pessoas não vão votar; do outro, a replicação de que não eram só “esses míseros pingos de água”, mas muito mais do que isso. Enumeram-se, num crescendo, por meio de

expressões metafóricas que remetem a sistemas de coisas (baldes, cântaros, nilos, iguazús, iangtsés) em que a persuasão se fundamenta mais no desencadeamento de emoções que na mobilização de razões. Para daí se concluir que mesmo com “águas torrenciais” aqueles que beneficiam da fé podem “sair daí enxutos”.

O recurso à imagem metafórica permite a todo o momento a elaboração de objetos construídos com palavras. Em Saramago, a expressão idiomática ganha a sua novidade, a sua energia criadora, o impulso original que primitivamente a pôs em circulação. E assim, o significado convencional da expressão ganha novos e mais excitantes matizes de acordo com os seus usos, neste caso argumentativo.

Garantiram-nos que poderíamos passar sem problemas, e aqui está o brilhante resultado, o governo “pôs-se na alheta”, foi para férias e “deixou-nos entregues aos bichos”, e agora que tínhamos a oportunidade de sair daqui não tem vergonha do nos “fechar a porta na cara”. (SARAMAGO, 2004, p. 158)

O efeito contextual do emprego da expressão idiomática em contextos argumentativos é o incremento da quantidade de informação que permite inferir e a amplitude de cenários metafóricos que permite instaurar. Assim é neste exemplo da página 158. Paraphraseando – o governo prometeu e não cumpriu porque: primeiro “pôs-se na alheta” e “deixou-nos entregues aos bichos”; depois “fecha-nos a porta na cara”. Logo é um governo que não serve.

Embora seja pacificamente aceite que a expressão idiomática releva de um grau maior ou menor de convencionalidade, em contexto literário, como é o caso deste romance, a expressão idiomática é uma ferramenta que cumpre as funções para as quais foi desenhada por Saramago. Como temos vindo a ver, a expressão idiomática assenta bem numa estrutura que tem a argumentação-persuasão como uma finalidade. Como ainda podemos ver nos dois exemplos seguintes.

Antes que o caso chegue à polícia ainda terão de passar alguns dias, e entretanto o tipo “dá com a língua nos dentes”, conta à mulher, aos amigos, capaz mesmo de falar com um jornalista, em suma, “entorna-nos o caldo”. (SARAMAGO, 2004, p. 192)

[...] quando toda a gente na cidade “andava por aí aos tombos” e a “dar com o nariz nos candeeiros” da rua, e antes que me responda que “uma coisa nada tem a ver com a outra”, eu digo-lhe que “quem fez um cento fará um cento”, pelo menos é esta, ainda que expressada noutros termos, a opinião do meu ministro [...] (SARAMAGO, 2004, p. 251)

Não é difícil reconhecer a linha argumentativa que está desenhada por detrás destes enunciados e o valor acrescido, em termos inferenciais, trazido pelas expressões metafóricas.

As inferências que tais expressões desencadeiam e espoletam balizam-se nos conhecimentos cultural e socialmente partilhados. É aqui que reside a estabilida-

de e a fidelidade das conclusões a extrair e que têm de ser consistentes com o princípio da relevância. Da ironia, um dos outros usos da metáfora neste romance, também se ocupou a teoria da pertinência, ao considerar ser a ironia um caso especial da representação do outro. Na verdade, a característica da ironia reside na consciente e voluntária renúncia do autor à transparência comunicativa. Apreçiemos nos exemplos seguintes como é que a metáfora desemboca na ironia.

[...] estamos aqui como naufragos no meio do oceano, “sem vela nem bússola, sem mastro nem remo, e sem gasoil no depósito”. (SARAMAGO, 2004, p. 16)

Aqui o enunciador subverte a sua própria enunciação ao acrescentar, na mesma linha de raciocínio, às expressões metafóricas genéricas “sem vela nem bússola” e “sem mastro nem remo” a expressão literal “sem gasoil no depósito”. Há como que uma espécie de ruptura entre o que começa e o que acaba realmente por ser enunciado. O equívoco reside na ambigüidade entre o que é assumido e o que é rejeitado pelo enunciador. E o leitor tem de ter consciência disso.

A força subversiva da ironia, que tem como resultado o bloqueamento do princípio de antecipação que sempre se desencadeia no ato de ler, obriga o leitor a, sempre que isso acontece, retificar a sua leitura.

Vejam os dois exemplos seguintes como as expressões metafóricas, dada a sua maior ou menor fixidez, são a condição prévia para o sucesso do jogo irônico.

Votar em branco é um direito irrenunciável, ninguém vo-lo negará, mas, tal como proibimos às crianças que “brinquem com o lume”, também aos povos prevenimos de que vai contra a sua segurança “mexer na dinamite”. [...] Sim senhor, o homem falou bem, resumiu o mais velho da família, e há que reconhecer que tem toda a razão no que disse, “as crianças não devem brincar com o lume” porque depois “é certo e sabido que mijam na cama”. (SARAMAGO, 2004, p. 99-100)

A minha vontade seria ir aí e dar-lhe “um puxão de orelhas”, Já não estou na idade, senhor ministro, Se alguma vez vier a ser ministro do interior, saberá que “puxões de orelhas” e outras correcções nunca houve limite de idade, “Que não o ouça o diabo”, senhor ministro, “O diabo tem tão bom ouvido” que não precisa que lhe digam as coisas em voz alta, Valha-nos então deus, Não vale a pena, esse “é surdo de nascença”. (SARAMAGO, 2004, p. 111)

A ironia permite operar uma superposição de dois semantismos. De um lado, o sentido mais ou menos fixo e conveniente da expressão (“brincar com o lume” no sentido de “se expor ao perigo”; “dar um puxão de orelhas” significando “chamar a atenção”); do outro, o da seqüência manipulada, não fixa, individual (“Que não o ouça o diabo” que significa exprimir um desejo – o de que “tal coisa não aconteça”) e por conseguinte original, essencialmente irônica e alusiva e, por isso, mais rica, mais abrangente e mais carregada de sentidos (no exemplo da página 111, da expressão idiomática “Que não o ouça o diabo” resulta a seqüência irônica e mesmo sarcástica de que se “o diabo tem bom ouvido”, “deus é surdo de nascença”).

Colocado o fenômeno da ironia no quadro da polifonia, verifica-se que há subversão que se situa na fronteira entre o que é coletivamente dito e aceite e o que é individualmente desqualificado. A ironia resulta, assim, da paródia entre uma instância e outra, onde são encenadas rupturas e onde a metafóricidade é erigida como traço definitório.

O processo de configuração simbolizante do mundo faz-se através de sistemas de signos. Estes signos conformam-se num jogo de enunciados que significam os fatos e os gestos dos seres do mundo. Saramago inicia o jogo colocando no tabuleiro da intriga narrativa enunciados idiomáticos que circulam na comunidade social, sendo aí objeto de partilha e de constituição de um saber comum, particularmente de um saber de crenças e de representações sócio-discursivas. No romance, estes enunciados ativam um jogo continuado e que não se esgota porque novos aspectos e novas experiências introduzidos recriam os enunciados dotando-os de âmbitos significativos. Apoderar-se destes enunciados idiomáticos que circulam na comunidade social e deles criar um vasto feixe de intertextos num jogo entre constrangimento e liberdade enunciativa é assumir-se os enunciadores da intriga ao mesmo tempo como um eu social, mas também como um eu individual. Neste espaço de estratégia, mobilizam-se processos como os de reconceptualização e de anaforização ampliada. Estes procedimentos de retomada permitem ativar a proeminência de novos atributos que, à partida, não faziam parte da estrutura compósita do enunciado parêmico ou metafórico. Tudo isto em resultado da atividade inferencial, concitada pelo universo de crença disponível na situação em que os sujeitos se encontram e que, dependente da sua subjetividade, tem de ser fundado por eles. Obtidos outros efeitos de sentido por um processo de implicação, verifica o leitor que a calibragem das emoções, sendo parte integrante da competência comunicativa, discursiva e estética nos processos de codificação e de descodificação impõem diretrizes aos planos e estratégias de comportamento dos atores em presença.

Ao criar novas analogias entre o tópico e o veículo, recriam-se novas representações mentais semânticas e, a par disto, percorre-se o caminho inverso: o retorno do idiomático ao metafórico, ou seja, a reconceptualização da expressão idiomática numa metáfora renovada. Esta observação vem confirmar a idéia de que a característica da expressão metafórica não reside na sua natureza semântica especial, mas no uso especial que se faz dela. E no romance **Ensaio sobre a lucidez**, o uso da metáfora amplia-se e alarga a projeção dos seus temas, forçando os limites expressivos da linguagem na construção de novos conhecimentos culturalmente não convencionalizados, de acordo com o grau de criatividade acionado.

E esta capacidade de as palavras e as expressões mudarem e se criarem na continuidade é também uma marca de consciência dos interlocutores da narrativa em questão.

É interessante observar, disse [o ministro dos negócios estrangeiros], como os significados das palavras se vão modificando sem que nos apercebamos, como tantas vezes as utilizamos para dizer precisamente o contrário do que antes expressavam e que, de certo modo, como um eco que se vai perdendo, continuam ainda a expressar, Esse é um dos efeitos do processo semântico, disse lá do fundo o ministro da cultura. (SARAMAGO, 2004, p. 63).

Abstract

The reconceptualisation of the metaphor in **Ensaio sobre a lucidez** is a reflection about metaphor through the observation and manipulation of the discursive forms. As well as the idiomatic expression is transformed again in the metaphoric expression. This article suggests a way of integration for linguistic and cognitive analysis that eases the identification of certain linguistic resources which have a cognitive and a pragmatic nature.

Key words: Reconceptualisation; Metaphor; Idiomatic expression; Co-reference; Anaphora.

Referências

- ACHARD-BAYLE, G. **Grammaire des metamorphoses, référence, identité, changement, fiction**. Paris: Duculot, 2001.
- BRANDOM, R. Reference explained away. **Journal philosophy**, v. 81, n. 9, p. 462-492, 1984.
- BUSTOS, E. de. **La metáfora, ensayos transdisciplinarios**. Madrid: Uned, 2000.
- COHEN, L. J. The semantics of metaphor. In: ORTONY, A. **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 64-77.
- COSNIER, J. **Psychologie des émotions et des sentiments**. Paris: Retz-Nathan, 1984.
- ECO, U. **Semiotics and the philosophy of language**. London: McMillan Press, 1984.
- GRICE, H. P. **Studies in the way of words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- KITTAY, E. F. **Metaphor**. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: way the discovery in cognitive science of the embodied mind and metaphorical thought leads to experiential philosophy and to a new understanding of what it means to be a human being**. Chicago: Chicago University Press, 1999.
- RUMELHART, D. Some problems with the notion of literal meaning. In: ORTONY, A. **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 98-108.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a lucidez**. 1. ed. Lisboa: Caminho, 2004.
- SEARLE, J. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- SEARLE, J. **Intentionality: an essay in the philosophy of mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- SPERBER, D. I.; WILSON, D. **Relevance**. Oxford: Blackwell, 1996.